

Erasmus botou o ovo que Lutero chocou: A contribuição da obra literária de Erasmo de Roterdã ao início da Reforma Protestante¹

Erasmus laid the egg that Luther hatched: the contribution of Erasmus of Rotterdam's literary works to the beginnings of Protestant Reformation

*Paulo Donizéti Siepierski**

Resumo

Desidério Erasmo antecipou em suas obras literárias vários conceitos que, posteriormente, seriam considerados princípios típicos da Reforma Protestante, como o individualismo religioso, ou seja, a noção de que a verdadeira religião consiste na devoção interior e não em símbolos externos de cerimônias e rituais. Também está presente em Erasmo um anticlericalismo na forma de uma crítica mordaz da vida religiosa de seu tempo, e mais especificamente, da hierarquia eclesiástica, particularmente da cúria romana. Mas a principal contribuição e a verdadeira centelha do que seria a Reforma Protestante foi sua edição do texto grego do Novo Testamento e sua tradução latina publicada em 1516 que pretendia substituir a de Jerônimo. Embora o Concílio de Trento em 1559 tenha condenado a tradução latina, frustrando a ambição de Erasmo de se tornar um Jerônimo revivido, Erasmo alcançou a imortalidade na medida em que sua edição do texto grego foi a base para diferentes traduções protestantes e ficou conhecida como *Textus Receptus*.

Palavras-chave: Erasmo de Roterdã. Reforma Protestante. Novo Testamento grego e latino. *Textus Receptus*.

Abstract

Desiderius Erasmus anticipated in his literary works many concepts that later would be considered typical tenets of the Protestant Reformation, as religious individualism, that is, the notion that true religion consists in the inward devotion and not the external symbols of the ceremonies and rituals. It is also present in Erasmus an anticlericalism in the form of a scathing critique of the religious life of his time, and more specifically of the ecclesiastical hierarchy, particularly the Roman curia. But the main contribution of Erasmus and the true spark of what would be the Protestant Reformation was his edition of the Greek text of the New Testament and his Latin translation of it published in 1516 which aimed to replace that of Jerome. Although the Council of Trent in 1559 has condemned the Latin translation and so frustrated Erasmus' ambition of becoming a Jerome revived, Erasmus achieved immortality as his edition of the Greek text was the basis for the different Protestant translations and became known as *Textus Receptus*.

Key-words: Erasmus of Rotterdam. Protestant Reformation. Greek-Latin New Testament. *Textus Receptus*.

* Professor Associado da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: paulosiepierski@terra.com.br.

Em uma das passagens mais conhecidas de *Notre-Dame de Paris*, Victor Hugo descreve uma visita que o médico do rei Luís XI, doutor Jacques Coictier, faz juntamente com seu compadre Tourangeau ao arcediogo da catedral, Dom Claude Frollo de Tirechappe. Após conversarem amenidades na cela canonical do claustro de Nossa Senhora, Tourangeau questiona o arcediogo quanto a seus livros. Dom Claude abre a janela e, com uma mão apontando para a grande catedral e a outra sobre o livro aberto em sua mesa, vaticina tristemente: “ceci tuera cela” (isto matará aquilo). A frase é tão cheia de significado que Victor Hugo vai interromper a trama no intuito de decifrá-la para seu leitor. Uma interpretação, a mais simples, é que o livro substituiria o edifício enquanto lugar de encontro com o sagrado. A outra, muito mais complexa e que demanda de Victor Hugo uma verdadeira viagem por diferentes civilizações e pela história da arquitetura, é que o livro, a invenção da imprensa, representava o maior acontecimento da história, a revolução-mãe, pois sob a forma impressa o pensamento humano se tornara mais imperecível que nunca; volátil, não mais ficaria preso a canto algum.

É lugar comum que o aperfeiçoamento da tipografia, também conhecida como imprensa, pelo alemão Johannes Gutenberg (Mainz, c. 1398 – Mainz, 1468) por volta de 1450, que consistiu na adaptação da prensa vinícola para recepcionar tipos ou letras móveis — confeccionadas em cobre e alocadas em uma base de chumbo na qual recebiam a tinta — para serem prensadas no papel, consistiu em uma das maiores contribuições ao mundo moderno uma vez que possibilitou a impressão de textos, até então manuscritos, facilitando sua produção e divulgação.² É lugar comum, também, que a Reforma Protestante, pelo menos enquanto restrita ao mundo germânico, teve seu sucesso inicial vinculado ao uso da imprensa. É natural, portanto, que exista uma literatura razoável sobre o assunto. Todavia, tal literatura se restringe ao período polemicista iniciado na esteira da fixação das noventa e cinco teses por Lutero em 31 de outubro de 1517. São raras as análises das obras impressas, e que, portanto, adquiriram ampla veiculação, que de certa forma antecipam a Reforma Protestante em seus principais postulados, mormente aquelas atribuídas a Desidério Erasmo (Roterdã, 1466 – Basileia, 1536). O motivo principal certamente é que o roterdamês, apesar de ter sido apontado por seus contemporâneos como precursor daquilo que mais tarde seria denominado como a Reforma Protestante, após sua famosa polêmica com Lutero a respeito do

arbitrio humano foi rejeitado tanto pelos seguidores da antiga Igreja a ponto de em 1564 praticamente todos os seus escritos serem relacionados no Índice de Livros Proibidos pelo Concílio de Trento³ — que o classificou como herege ímpio — como pelos reformadores protestantes, que jamais o perdoaram por sua moderação e por nunca ter rompido com a antiga Igreja.⁴ Assim é que pelo menos até meados do século vinte, Erasmo desaparece da Reforma, ficando limitado ao humanismo renascentista. Somente nas últimas décadas é que Erasmo volta a ser visto como teólogo, e também como pedagogo e filósofo, mas a contribuição de sua obra literária ao início da Reforma Protestante permanece, em grande parte, esquecida. Daí a importância de ser revisitada às vésperas do quinto centenário da Reforma Protestante. Afinal, em que aspectos e com qual intensidade a obra literária atribuída a Erasmo antecipou elementos da Reforma Protestante e contribuiu para a ampla aceitação dos principais postulados luteranos?

Essa questão se impõe uma vez que estudos recentes tendem a perceber a Reforma Protestante não mais como uma ruptura, mas como uma continuidade em um processo de longa duração. As implicações dessa mudança de percepção são imensuráveis uma vez que ela desafia pressupostos há muito estabelecidos e que servem de esteio para teorias que buscam explicar o desenvolvimento das sociedades europeias. Como exemplo, pode-se citar a concepção da Reforma Protestante como origem da identidade alemã e, num escopo mais amplo, como provocadora do desenvolvimento do capitalismo com sua ênfase na noção de vocação. De fato, se a Reforma Protestante não consistiu numa ruptura, ela deve ser compreendida muito mais como uma etapa e não como origem das profundas transformações sociais, culturais, religiosas, políticas e econômicas que deram surgimento à Europa moderna.

Da mesma forma, a percepção da Reforma Protestante como continuidade exige uma revisão do já consagrado suposto antagonismo entre o humanismo renascentista e os reformadores e de ambos com a Baixa Idade Média. Esta deve ser vista como um período dinâmico que possibilitou — ou até mesmo engendrou — as condições necessárias para a eclosão do mundo moderno. Exemplo maior é o mencionado aperfeiçoamento — e não invenção — da imprensa por Gutenberg que proporcionou a rápida difusão do pensamento pelo meio impresso. E poucos souberam aproveitar tal vantagem tão bem quanto Erasmo e Lutero, provavelmente os dois autores com a maior obra literária, certamente em termos

quantitativos e possivelmente também em termos qualitativos, na primeira metade do século dezesseis. A análise da relação entre as obras desses dois monges agostinianos se impõe uma vez que, em termos gerais, foram produzidas no mesmo contexto, trataram dos mesmos temas, dialogaram com as mesmas pessoas, buscaram o mesmo objetivo — *reformatio Ecclesiae* — e contudo chegaram a resultados bem diferentes.

Erasmo, cerca de dezesseis anos mais jovem que Lutero, começou a publicar relativamente tarde, preocupado primeiramente com edições dos clássicos da antiguidade. Dentre sua vasta produção, quatro obras se destacam em termos da *reformatio Ecclesiae*, não apenas pelos conceitos que carregam como também pela ampla divulgação que receberam e a decorrente influência que exerceram no século dezesseis. Na primeira delas, intitulada *Enchiridion militis Christiani* (Manual do Soldado Cristão), escrita por volta de 1501 e publicada em 1503 — a publicação em inglês por William Tyndale é de 1533 — Erasmo se dirige a um jovem soldado com o intuito de orientá-lo em relação à piedade cristã. Baseando-se em textos da antiguidade clássica e nas Escrituras o autor sustenta que a verdadeira religião consiste na devoção interior e não nos símbolos exteriores das cerimônias e rituais, propondo assim um individualismo religioso. Essa noção, emprestada ou não de Erasmo, uma vez que geralmente uma ideia não pertence a uma pessoa, mas a uma época, será crucial ao pensamento da vindoura *Reforma Protestante*.

Na segunda obra, composta em 1509, *Encomium moriae* (Elogio a Loucura), que para alguns veio a ser um dos escritos mais importantes do Renascimento, Erasmo eleva a loucura à categoria de divindade, nos moldes gregos, para propor uma compreensão do esforço humano em busca da superação do desespero existencial que a todos atormenta. O roterdamês defende que, em tom de pilhéria, ressalte-se, mas com momentos de gravidade, é a loucura quem rege todas as ações humanas. As pessoas compram, vendem, trabalham, casam, governam, pagam tributos, criam querelas, resolvem querelas, guerreiam e depois buscam a paz, sempre motivadas pela loucura. Sem ela a vida seria caótica e as pessoas não se suportariam mais. A humanidade deveria ser grata à loucura pelo alívio que ela proporciona. Contudo, apesar de estar presente em todos os ofícios e atividades, a loucura era particularmente pródiga entre os religiosos. Teólogos, exegetas, monges, padres, bispos, cardeais, a todos a loucura dispensava especial atenção, fazendo com que investissem

muito tempo e energia discutindo acerca de um iota ou da maneira correta de se recitar uma prece ou ainda qual a melhor forma de arrancar dinheiro de suas ovelhas. Nem o Sumo Pontífice escapava dos divertimentos da loucura. Ao contrário, parecia que era exatamente com ele que a loucura se deleitava, fazendo com que num momento afirmasse tal coisa apenas para se contradizer noutra oportunidade, tudo ao sabor de interesses transitórios.

A crítica mordaz de Erasmo aos religiosos de seu tempo, e mais especificamente à hierarquia eclesiástica, ganhava ressonância uma vez que ele mesmo era desse meio. Sabia do que falava. Filho natural de um padre, após estudar latim e tornar-se competente filólogo, ingressou no convento dos agostinianos em Stein. Contudo, apesar de ter sido ordenado, abandonou a vida monástica. Após viajar por toda a Europa por vários anos, radicou-se na Itália onde passou três anos (1506-1509) e conheceu de perto os desmandos da cúria romana, cujo líder era o Papa Júlio II. Com seu típico humor, Erasmo concluiu que Júlio era sucessor de César e não de Cristo e nele e em sua corte encontraria inspiração para escrever o *Elogio a Loucura*. Depois passou um período em Oxford, onde estudou grego e desenvolveu amizade com alguns humanistas célebres, entre eles Sir Thomas More (Londres, 1478 – Londres, 1535), a quem dedicou o *Encomium moriae*.

Mais tarde, em 1514, após a morte de Júlio II, Erasmo produzirá um libelo condenando o Papa, externando aquilo que muitos de seu tempo compartilhavam, uns mais comedidamente, outros em alto e bom som, quase sempre por diferentes motivos: o anticlericalismo, particularmente em relação à cúria romana. Esta era vista como parasita que sustentava seu luxo com o dinheiro coletado por todo o Império, sem contar o desprezo gerado por humilhações como a detenção do Papa Bonifácio VIII pelo rei francês Filipe IV (1303), o papado em Avinhão, que mais tarde Lutero alcunharia de “cativeiro babilônico” (1309-1378) e o grande cisma (1378-1417). É assim que Erasmo aproveita a ocasião da morte de Júlio II e escreve *Julius exclusus de caelis* (Júlio excluído do céu), um diálogo entre o Papa recentemente morto e São Pedro nos portões do paraíso. Ainda que mais tarde Erasmo venha a negar que tenha escrito tal libelo, as evidências apontam o contrário.

O diálogo se inicia quando o Papa Júlio II chega bêbado aos portões do paraíso e tenta abri-los com a chave de seu cofre secreto. Perfilados atrás dele

estão os soldados que morreram nas campanhas militares por ele promovidas e aos quais o Papa tinha prometido a entrada nos céus, não obstante seus malfeitos. São Pedro nega-lhes a entrada e questiona o papa quanto ao seu procedimento na terra. Em vez de atender ao porteiro celestial, em sua loucura o Papa ameaça jogar seu exército para romper a passagem. Mais louco ainda, ameaça o santo com bulas papais de excomunhão. Um pouco mais calmo, o Papa então passa a explicar as razões de seus malfeitos e procura justificar os seus pecados, entre os quais a simonia e a pederastia. Seu principal argumento é que o Papa tem autoridade para perdoar qualquer pecado, inclusive os seus próprios. São Pedro fica enojado com o que ouve e manda embora o Papa com seus soldados. Júlio II então, longe de arrepender-se, planeja arregimentar um exército maior ainda e assaltar os céus, criando seu próprio paraíso.

Erasmo foi testemunha ocular de muitas das ações de Júlio II, pois morou na Itália de 1506 a 1509, e ao escrever o *Elogio a Loucura* com certeza tinha o papa guerreiro em mente, mas este, talvez por estar muito atarefado com suas campanhas militares praticamente não reagiu às críticas do roterdamês. Graças aos conflitos dos interesses em jogo nas sucessões papais da época, Erasmo também não foi importunado por Leão X, sucessor de Júlio II, que achou o livro “muito engraçado”. Da mesma forma, Leão X entendeu que a sátira de Erasmo excluindo seu antecessor do céu não era uma crítica à instituição do papado em si, mas apenas a um papa específico, um papa que granjeara um número formidável de inimigos. Nesse sentido, essas obras de Erasmo de certa forma fortaleciam o papado de Leão X, eleito com o compromisso de promover reformas na Igreja. Tudo isso permitiu que Erasmo encontrasse tranquilidade para produzir aquela que talvez tenha sido a maior contribuição de sua pena e o verdadeiro estopim do que seria a Reforma Protestante, a publicação de seu Novo Testamento Greco-Latino em 1516.

Três séculos antes ocorrera um evento de enorme significado para a trajetória histórica da cristandade medieval. A quarta cruzada, cujo objetivo inicial era retomar a Terra Santa das mãos muçulmanas, conclamada pelo Papa Inocêncio III e patrocinada conjuntamente por nobres francos e mercadores venezianos, terminou por cometer um dos atos mais ignóbeis na história europeia. Tornando realidade o adágio que diz que a ocasião faz o ladrão, os cruzados saquearam impiedosamente a Rainha das Cidades, Constantinopla, em 1204. Um dos resultados desse saque foi a enorme quantidade de bens materiais

e culturais — toda sorte de pedras e metais preciosos, relíquias, objetos de devoção, manuscritos — que os venezianos trouxeram para o norte da península. Ao passo que os objetos de valor mercantil imediato, particularmente os de metal, como a quadriga — os cavalos de bronze roubados do hipódromo e que adornam até hoje a Igreja de San Marco em Veneza — encontraram seu destino de pronto, os pergaminhos, apesar de também possuírem valor comercial, tiveram que esperar décadas para serem devidamente apropriados e se tornarem a base material do Renascimento. No processo de apropriação cultural dos manuscritos roubados de Constantinopla foi fundamental a decisão do Concílio de Vienne (França, 1311-1312) que, a pedido do famoso Raimundo Lúlio, decretou a criação de cátedras de grego, hebraico e aramaico nas universidades de Avinhão, Paris, Oxford, Bolonha e Salamanca. A partir de meados do século catorze o crescente assédio dos otomanos sobre o império bizantino, fragilizado mortalmente pela quarta cruzada no século anterior, promoveu uma desordenada, mas progressiva, migração de eruditos bizantinos para a cristandade ocidental. Tais eruditos trouxeram consigo textos gregos que paulatinamente foram sendo traduzidos para o latim, promovendo assim a difusão da cultura grega. Bom exemplo disso é a tradução da obra botânica de Teofrasto, aluno de Aristóteles praticamente desconhecido na Europa católica. Os manuscritos das suas *Historia plantarum* e *De causis plantarum*, foram obtidos a partir de um lote de manuscritos gregos trazidos de Constantinopla no início do século XV e traduzidos por volta de 1450 por Teodoro Gaza para o Papa Nicolau V. Esta tradução foi impressa em 1483 e o texto grego em 1497.

Com o aumento significativo de manuscritos e suas cópias, revelando lacunas em alguns, adições em outros, os humanistas europeus foram provocados a estabelecerem uma hierarquia e harmonização dos manuscritos existentes. Assim desenvolveram a filologia, enfatizando o estudo das línguas e literatura. Nos estudos comparativos para a fixação de fontes confiáveis os humanistas renascentistas seguiram o princípio de que quanto mais perto a água estiver da fonte, mais pura será. Esse princípio encontra-se na expressão latina *ad fontes*. Em seu *De ratione studii ac legendi interpretandique auctores*, o próprio Erasmo utilizou essa expressão: *Sed in primis ad fontes ipsos properandum, id est graecos et antiquos* (numa tradução livre: “sobretudo deve-se sem demora buscar as fontes mesmas, ou seja, retornar para os gregos e antigos”). Nesse mesmo sentido, a publicação da bíblia de Gutenberg em 1455

desafiou os eruditos cristãos a não apenas estabelecerem uma versão que pudesse servir de padrão para todo o mundo latino, uma vez que expôs algumas das inconsistências encontradas na Vulgata Latina de São Jerônimo, sempre atribuídas a copistas, como também a apresentarem as fontes mais confiáveis possíveis, em grego, em hebraico e em aramaico.

O primeiro grande esforço coordenado para enfrentar esse desafio foi encetado na Espanha, em Alcalá de Henares, nos arredores de Madri, graças à dedicação do cardeal Francisco Jiménez de Cisneros (Torrelaguna, 1436 – Roa de Duero, 1517). Em 1499 o então arcebispo de Toledo conseguiu que o Papa Alexandre VI, que fora seu professor anos antes de assumir o papado, transformasse o *Studium General* existente em Alcalá de Henares em universidade, a qual recebeu o nome de *Universitas Complutensis*, uma vez que o nome latino de Alcalá de Henares era *Complutum*. Seu sonho era estabelecer um local que pudesse, além de abrigar os inúmeros manuscritos que havia comprado, quase sempre fruto de seu empenho pessoal, reunir os maiores expoentes no campo da filologia bíblica. Também deveria ser um local irradiador de sua reforma e catalisador para a evangelização dos novos territórios. O momento não poderia ser mais propício, pois contaria com recursos que nenhum outro tivera antes dele.

Desde o início do século quinze, enquanto França e Inglaterra se fragilizavam cada vez mais na interminável Guerra dos Cem Anos, os reinos ibéricos iam se fortalecendo militarmente e conhecendo expansão territorial e comercial. Uma expressão do crescente poderio ibérico foi seu grande salto no domínio da tecnologia náutica, imprescindível ao seu projeto expansionista marítimo. Para consolidar esse projeto os ibéricos voltaram-se para Roma. A eleição do primeiro Bórgia insere-se nesse contexto. Tão logo Afonso de Bórgia (Xátiva, Valência [Espanha], 1378 – Roma, 1458) foi eleito Papa em 1455, tomando o nome de Calisto III, as potências ibéricas trataram de conseguir o apoio da Igreja às suas pretensões hegemônicas. No que ficou conhecido como Padroado, o Papa Calisto III estabeleceu um tratado entre a Igreja Católica e os monarcas dos reinos de Portugal e de Castela, delegando-lhes atividades características da Igreja, particularmente sua administração e organização. Seria responsabilidade dos monarcas a construção e manutenção das igrejas, como também a nomeação de padres e bispos. A única contrapartida exigida aos reis é

que estes apoiariam a evangelização e o estabelecimento da Igreja Católica nos territórios conquistados e a conquistar.

Apesar das concessões conseguidas por Portugal junto a Roma, o reino de Castela seria o maior beneficiado com o Padroado. Com a tomada de Granada no início de 1492 os reis católicos colocaram um término no que se convencionou chamar de Reconquista e se consolidaram como defensores da fé cristã diante do Islã. A Reconquista ofereceu à cristandade enorme território a ser evangelizado, o qual, somado aos novos territórios proporcionados pela expansão marítima, representava desafio grande demais para Roma. É nesse contexto que surge nova bula papal, a *Inter cætera*, dividindo o “novo mundo” entre Portugal e Castela, com claro favoritismo para Castela, o que seria parcialmente corrigido pelo Tratado de Tordesilhas. Em 11 de agosto de 1492, foi eleito Papa o cardeal arcebispo de Valência, Rodrigo Bórgia (Xátiva, Valência [Espanha], 1431 – Roma, 1503), que assumiu o nome de Alexandre VI. Há muito Rodrigo Bórgia mantinha uma estreita relação com os reis Isabel e Fernando e com sua eleição ao papado o arcebispado de Valência fora entregue a seu filho César Bórgia. No ano seguinte seu filho Juan Bórgia receberia a mão de Maria Enriquez, prima do rei. Assim é que em 1493, o Papa Alexandre VI emite um conjunto de documentos conhecidos como bulas alexandrinas, entre elas a bula *Inter cætera*. Nessas bulas o pontífice concede aos reis de Castela e Leão e aos seus herdeiros — não aos reinos — o direito de conquistar a América e o dever de evangelizá-la. O Papa, por ser vigário de Cristo, tinha poder para conceder aos reis o domínio sobre as terras descobertas e a descobrir, incluindo suas cidades, castelos, lugares e vilas. Os monarcas, já com o poder de nomear padres e bispos para os novos territórios conseguiriam outro trunfo ainda maior em 1501 com a bula *Eximiae devotionis sinceritas*, do mesmo Alexandre VI. Esta bula concedeu aos reis o direito de cobrarem o dízimo eclesiástico como compensação pelos gastos provocados pela implantação e manutenção das igrejas. Cisneros terá enorme desafio pela frente, mas contará com recursos que nenhum outro reino cristão latino conheceria.

Desde 1492 Cisneros era confessor e conselheiro político da rainha Isabel I e com sua elevação a arcebispo de Toledo em 1495 tivera a oportunidade de promover profunda reforma não apenas em sua ordem franciscana como também no clero secular. Entre os pontos da reforma de Cisneros estava a exigência que o clero explicasse os evangelhos aos fiéis e se dedicasse a leitura diária das

Escrituras, além de levar uma vida em conformidade com a de Cristo, o que requeria o celibato. Como exemplo, o próprio arcebispo entrara em Toledo em 1497 no lombo de uma mula, usando roupas simples e sandálias. Com seu exemplo, Cisneros vencera a resistência do clero e conquistara a confiança dos governantes. Assim, com o apoio do Papa em Roma e dos reis na Espanha, o futuro cardeal Cisneros convidou os principais eruditos bíblicos de seu tempo, incluindo Hernán Núñez de Toledo y Guzmán (Valladolid, 1475 – Salamanca, 1453), alcunhado *el Comendador Griego*, para realizarem a ambiciosa tarefa de compilação dos inúmeros manuscritos e produzirem uma bíblia poliglota, ou multilíngue, para promover o estudo das Escrituras Sagradas. Em 1502, logo após Cisneros garantir os recursos necessários, foi iniciado o projeto, que se estendeu por quinze anos, sob o comando de Diego López de Zúñiga [Jacobus Lopis Stunica] (Extremadura, c. 1470 – Nápoles, 1531), que se notabilizou mais tarde por debater com Erasmo diversos pontos da tradução da Vulgata. Enquanto para ele o roterdamês apresentava muitas deficiências na condução do hebraico e do aramaico, para Erasmo os complutenses teriam defendido excessivamente a Vulgata. A propósito, o próprio Erasmo fora convidado por Cisneros, todavia declinara. Um possível argumento é que o clima ali lhe seria hostil uma vez que a cidade era cercada por terreno pantanoso propiciando diversas enfermidades contagiosas. A confluência dos rios Henares, Camarmilla e Torote (uma hipótese é que Complutum derive do latim *confluvium*) provocava inundações constantes, o que obrigou Cisneros a promover total renovação urbanística, drenando a área e traçando e pavimentando ruas largas e retas. De fato, Erasmo desde cedo sofria demasiado com pedras na vesícula e tomava muito cuidado com sua saúde, daí seu conhecido apego habitual à cerveja e, sobretudo, ao vinho, uma vez que este era o remédio renascentista para seu problema. Mas é possível que a verdadeira razão para a recusa resida no fato de Erasmo ter sempre procurado ser um estudioso independente e peregrino, sem vínculos institucionais. Ademais, como ele conhecia o caráter enérgico e conservador do reformador espanhol provavelmente anteviu as incompatibilidades que poderiam ocorrer.

Paralelamente ao início do projeto da Academia Bíblica Complutense, Cisneros instala uma editora para apoiar sua reforma religiosa. Para tanto faz vir de Sevilha o extraordinário impressor polonês, Estanislao Polono.⁵ Já em 1502 é publicado o primeiro livro, bem ao gosto de Cisneros, a *Vita Christi* do cartuxo

Ludolfo de Saxônia (morto em 1377), que mais tarde seria instrumental na conversão de Santo Inácio de Loyola (Azpeitia, 1491 – Roma, 1556), o fundador dos jesuítas. A Universidade mesma foi inaugurada em 26 de julho de 1508, e em fevereiro de 1511 aparece o primeiro livro do sucessor de Estanislao Polono e a quem caberá a honra de comandar a impressão dos trabalhos da Academia Bíblica, Arnaldo Guillen de Brocar (Brocq [França], c. 1460 – Alcalá de Henares, 1523). A Bíblia Poliglota Complutense, como ficou conhecida, é uma obra tipográfica maravilhosa, constituída por seis volumes: os quatro primeiros dedicados ao Antigo Testamento, o quinto ao Novo Testamento e o último a um dicionário hebraico e aramaico, uma gramática hebraica e um índice em latim. O texto do Antigo Testamento foi distribuído da seguinte maneira: um pedaço superior da página equivalente a três quartos de seu tamanho foi dividido em três colunas, sendo a da esquerda para o grego com uma tradução interlinear para o latim, a do centro para o latim de São Jerônimo e a da direita para o hebraico, o quarto inferior da página foi dividido em duas colunas sendo a da esquerda para o aramaico (Targum Onkelos) e a da direita para a tradução latina. Essa distribuição ocorre apenas no primeiro volume, que é o Pentateuco, pois nos demais não há texto aramaico, ficando então a totalidade da página dividida em três colunas. O texto do Novo Testamento foi dividido em duas colunas, a da esquerda para o grego e a da direita para o latim da Vulgata. Embora não se possa precisar a data em que cada volume tenha ficado pronto, temos as datas dos términos das impressões: o Novo Testamento estava impresso em 10 de janeiro de 1514, o Antigo Testamento em 10 de julho de 1517 e o sexto volume em 17 de março de 1515. Pela qualidade e variedade dos tipos empregados, pelo esmero das estampas e, sobretudo pela extraordinária correção ortográfica — apenas cinquenta erros de impressão — é razoável assumir que o Novo Testamento tenha sido encaminhado para impressão não mais tarde que meados de 1512. Nesse momento, talvez por já estar avançado em dias ou por não ter mais o apoio de um papa espanhol em Roma, o cardeal Cisneros cometeu um erro que seria fatal para o futuro da Poliglota Complutense. Em vez de publicar o Novo Testamento separadamente ele optou por esperar a conclusão de todo o projeto, o que se deu apenas meses antes de sua morte. E nesse interim, numa manobra ousada em 1516, Erasmo conseguiu junto ao Papa Leão X e o imperador Maximiliano I um privilégio de exclusividade de quatro anos para a publicação de seu Novo Testamento. Assim, a Complutense poderia ver a luz do

sol apenas em 1520. Como o que está ruim ainda pode piorar, sua publicação ocorreu somente em 1522, quando o Novo Testamento de Erasmo já estava em sua terceira edição, porque os complutenses se demoraram a devolver os manuscritos emprestados junto à biblioteca do Vaticano.

Apesar de ser um monumento à arte tipográfica e ao estudo das Escrituras, a Poliglota Complutense logo recebeu severas críticas dos humanistas. A principal delas, e talvez prevista por Erasmo, é que manteve o texto da Vulgata Latina. Ademais, onde houve discrepância entre a Vulgata e o texto hebraico ou grego, estes foram corrigidos pelo texto latino. Isso era incompreensível para aqueles que defendiam que quanto mais perto da fonte, maior seria a pureza. Mas a concepção teológica que Cisneros tinha das Escrituras e da Igreja enquanto guardiã da Revelação escrita o levou para o caminho contrário. De outra forma teria que aceitar que as Escrituras que vinham sendo utilizadas por séculos continham erros de tradução que haviam propiciado o surgimento de doutrinas ensinadas a gerações de fiéis. Essa postura teológica foi responsável pelo afastamento do projeto do principal nome do Renascimento em Espanha, Elio Antonio Nebrija (Lebrija, 1441 – Alcalá de Henares, 1522). Quando atendeu ao chamado de Cisneros e se juntou ao grupo da Academia Bíblica Complutense, Nebrija já produzira, entre outras obras, sua *Gramática castellana* (1492), primeira codificação de uma língua moderna. No estilo de Erasmo, Nebrija entendia que, no Novo Testamento, toda vez que houvesse variações entre os manuscritos latinos, deveria se socorrer aos gregos; e, no Antigo Testamento, quando houvesse discrepância entre os manuscritos latinos e os manuscritos gregos, dever-se-ia buscar a autêntica fonte hebraica. Como não foi atendido, abandonou o projeto e dedicou-se inteiramente ao ensino na universidade, onde morreu alguns anos depois de Cisneros. O cardeal, como testemunho de sua compreensão de que misteriosamente Deus em sua Providência teria conservado na Igreja as Escrituras de forma incorruptível, e portanto o padrão teria que ser a Vulgata Latina de São Jerônimo, explicou no prólogo da Bíblia Poliglota Complutense, a obra de sua vida, que a distribuição dos textos em colunas, estando a do bendito Jerônimo entre a da sinagoga [texto hebraico] e a da Igreja Oriental [texto grego], buscava refletir a crucificação de Jesus, com os ladrões pendurados um de cada lado. Na teologia de Cisneros, então, Jesus que é o Verbo que se fez carne, a Igreja Romana que é o Corpo de

Cristo e a Vulgata Latina que é a Revelação escrita, se confundiam em uma mesma realidade.⁶

Típica dessa postura teológica é a questão conhecida como *Comma Johanneum* (parêntese joanino), central nas querelas trinitárias ocorridas nas décadas seguintes. Trata-se de um parágrafo em 1 João 5, entre os versículos 7 e 8, que não consta nos manuscritos gregos, e que na citação a seguir vem sublinhada entre colchetes: “Pois há três que dão testemunho [no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra]: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes num só propósito”. Os editores da Complutense optaram por manter essa interpolação e a traduziram para o grego, de modo a harmonizar as duas colunas. Erasmo, por sua vez, não manteve a interpolação, mas apenas nas duas primeiras edições. A partir da terceira edição seu Novo Testamento passou a trazer a interpolação, talvez para fugir da acusação de arianismo, ou, ainda pior, criptojudiaizante.⁷

É possível que Erasmo tenha iniciado seu projeto de rever e corrigir a tradução para o latim que Jerônimo fizera há mais de mil anos, e que se tornara padrão da Igreja Romana, quando por acaso encontrou manuscritos do humanista, filósofo e crítico literário italiano Lorenzo Valla (Roma, 1407 – Roma, 1457) na biblioteca da abadia de Parc, perto de Louvain, em 1504.⁸ Profundo conhecedor do latim clássico, Valla fora secretário e historiador na corte do rei de Nápoles, Alfonso de Aragão, de 1435 a 1448. A serviço do rei, que estava em litígio territorial com o papa Eugênio IV, Valla escreveu em 1440 o livro *De falso credita et ementita Constantini Donatione declamatio*, demonstrando que o documento conhecido como *Constitutum Constantini* (Doação de Constantino) era uma farsa.⁹ Devido à esta, bem como às outras obras que desafiavam o senso comum, Valla foi denunciado à Inquisição e só não foi parar na fogueira graças à intervenção de seu protetor, o rei Alfonso. Sua grande contribuição à crítica literária foi o primeiro manual de gramática latina em quase mil anos, *Elegantiae linguae Latinae* (Elegância da língua latina). Devido às reviravoltas que a vida apresenta, Valla foi convidado para ser secretário papal por Nicolau V, sucessor de Eugênio IV, e assim trocou Nápoles por Roma em 1448, onde permaneceu até o fim de sua vida. Em Roma este filólogo humanista teve oportunidade de aplicar sua crítica literária ao Novo Testamento na obra intitulada *In Novum Testamentum ex diversorum utriusque linguae codicum collatione adnotationes* (Anotações sobre o Novo Testamento coletadas de vários manuscritos em ambas

as línguas) com o objetivo de avaliar a tradução latina de Jerônimo confrontando-a com manuscritos gregos. Foi essa obra que mudou a vida de Erasmo, levando-o a se dedicar quase exclusivamente à revisão e correção da tradução latina do Novo Testamento.¹⁰ Erasmo publicou a obra de Valla em 1505 com o título *Adnotationes in Novum Testamentum* (Anotações no Novo Testamento) e buscou freneticamente se aprofundar no estudo do grego. Esse objetivo o levou a viajar pela Europa e depois se estabelecer na Itália, onde permaneceu por três anos.

Em seu caminho para Bolonha primeiro parou em Turim, onde recebeu o grau de doutorado. Como obteve o reconhecimento dos estudos feitos na França e na Inglaterra, precisou apenas se submeter a um curto período de arguição. A Universidade de Turim não estava entre as mais renomadas, mas serviu para seu objetivo maior, que era a autorização para escrever sobre assuntos teológicos. Erasmo não conseguiu entrar de imediato em Bolonha, pois a cidade estava sitiada pelas forças do Papa Júlio II. Com a rendição da cidade, Erasmo pode assistir à entrada triunfal de Júlio II, mais como César do que como Papa. Após quase um ano em Bolonha ele se dirigiu à Veneza para se encontrar com o famoso impressor Aldus Manutius (Bassiano, 1449 – Veneza, 1515).¹¹ Em Veneza Manutius reunira um grupo de eruditos, ao qual intitulara *Neakademia*, para a promoção dos estudos gregos. As reuniões desse grupo eram conduzidas inteiramente em grego. Manutius entrou para a história da imprensa pela introdução de um tipo grego elegante e fácil de ler, baseado na escrita de Immanuel Rhusotas, um escriba cretense que vivia em Veneza. Ele também foi responsável pela invenção do tipo itálico e pelo uso moderno da vírgula e do ponto e vírgula, bem como pela introdução de edições portáteis (*octavos*) dos clássicos e inovações na técnica de encadernação. Também cabe ressaltar que ao lado da fenomenal contribuição de Manutius à causa humanista, publicando os clássicos gregos e latinos, há uma contribuição direta a Reforma Protestante, não muito divulgada, mas que desempenhou papel importante nos debates teológicos que se seguiriam entre Católicos e Protestantes. Ao final de sua vida Manutius se dedicou a viabilizar a primeira publicação da Septuaginta. Esta apareceu postumamente, em 1518. Erasmo permaneceu quase um ano morando na oficina de Manutius, supervisionando a publicação de sua tradução latina de Eurípedes e da segunda edição de sua coleção de provérbios latinos, a *Adagia*. Como vários trabalhadores da oficina eram de origem grega, essa língua era

falada cotidianamente, o que possibilitou a Erasmo um domínio praticamente inigualável na Europa latina. Tal domínio do grego lhe proporcionou um convite para ensinar essa língua em Cambridge.

E foi enquanto em residência no Queens' College que Erasmo, em 1512, começou a dar forma ao seu projeto de rever e corrigir a versão latina que Jerônimo produzira do Novo Testamento e para tanto teve a oportunidade de comparar os diferentes manuscritos gregos com o texto de Jerônimo e escrever suas anotações. Como sabia do projeto de Cisneros de produzir uma bíblia poliglota, e conhecendo o caráter conservador do reformador espanhol, no início de 1512, Erasmo entrara em negociações com Badius Ascensius (Jodocus Van Asche Badius, 1462-1535), pioneiro no negócio de impressão e notável gramático, para publicar uma nova edição da Vulgata de Jerônimo, que pudesse, por assim dizer, atualizar Jerônimo. Badius instalara sua imprensa, conhecida como *Prelum Ascensianum*, em 1503 em Paris, após ensinar grego por diversos anos em Lyon, mas sua produção era quase totalmente em latim. Por razões desconhecidas, Badius recusou a proposta de Erasmo. Então, em agosto de 1514, ciente de que a Academia Bíblica Complutense já finalizara em janeiro¹² a impressão de seu Novo Testamento, mantendo intacta a tradução latina de Jerônimo, Erasmo foi ao continente negociar a publicação de sua revisão e correção de Jerônimo, pois sabia que o sucesso de seu empreendimento dependia de vir a lume antes da obra complutense. O plano era contatar impressores primeiro em Liège e depois, subindo o Reno, em Mainz e Estrasburgo, finalizando a viagem em Basileia, onde queria encontrar o editor suíço Johann Froben (c. 1460-1527), que havia pirateado no ano anterior a versão que Aldus Manutius fizera em 1508 da *Adagia*. Após cerca de cinco semanas de viagem Erasmo, ao desembarcar em Basileia, encontra uma cidade em vias de se tornar grande centro gráfico da Europa. Já por volta de 1470, um dos principais colaboradores de Gutenberg, Bernhard Ruppel, levava a arte da impressão para Basileia. Poucos anos depois foi seguido por Johannes Amerbach (c. 1440 – 1513) da Francônia, que se dedicou a preparar edições completas dos quatro grandes pais latinos: Ambrósio, Agostinho, Jerônimo e Gregório Magno. Amerbach firmou sociedade com Froben e em 1506 já estavam finalizadas as edições de Ambrósio e Agostinho e então passaram a se dedicar à edição de Jerônimo, trabalho deveras desafiador uma vez que este, que fora trilingue, utilizara frequentemente o grego e o hebraico. Mas em 1510 receberam

estupendo reforço. Devido à ameaça militar comandada pelo Papa Júlio II contra Veneza, Aldo Manutius tivera que fechar sua gráfica e pelo menos um de seus colaboradores, o frade dominicano Johannes Cuno, fugira para a Basileia. Ali Cuno passou a ensinar grego e a colaborar na edição de Jerônimo. É bem possível que Cuno tenha trazido consigo os tipos da impressão que Aldus Manutius fizera da *Adagia* em Veneza, pois a reimpressão de Froben manteve a mesma paginação, mesmos tipos e mesma disposição dos tipos. Apenas a capa com o título e nome do autor fora mudada, com o acréscimo da seguinte expressão: *Erasmi Roterdami Germaniae Decoris* (Erasmo de Roterdã, ornamento da Alemanha).

Em uma de suas cartas, Erasmo vai relatar como foi seu encontro com Froben. Típico de seu bom humor, e talvez querendo pregar uma peça em Froben uma vez que a reimpressão da *Adagia* fora feita sem sua autorização,¹³ ele não revelou sua identidade e apresentou a Froben cartas de Erasmo lhe autorizando a negociar a publicação das obras do roterdamês, explicitando claramente que o que ele decidisse seria final. Diante da reação estupefata de Froben, Erasmo prosseguiu dizendo que não apenas era bastante íntimo do roterdamês como também se parecia muito com ele, de forma que quem olhasse para ele veria o próprio Erasmo. Ao se dar conta da brincadeira, Froben teria solto estrondosa gargalhada.¹⁴ Longe de provocar rugas entre eles, o entrevero deu início a uma longa amizade que elevaria a cidade como centro gráfico da Europa. Erasmo logo percebeu as qualidades de Froben e de sua equipe e quão bem montada era sua oficina e, ciente da privilegiada localização de Basileia, no joelho do Reno, como se dizia, bem como do acervo existente no mosteiro dos dominicanos, fruto do concílio ali realizado de 1431 a 1437, vislumbrou enorme oportunidade para a pesquisa e difusão de suas obras. Com isso em mente retornou para seus afazeres na Inglaterra.

A notícia da morte de Aldus Manutius no início de 1515, porém, apresentou a Froben e sua equipe oportunidade única para dominarem o mercado gráfico e eles rapidamente montaram uma programação editorial para tanto. E Erasmo, já autor renomado em toda a Europa, era figura central nesse projeto. Assim é que Froben vai até Cambridge em abril de 1515, com a proposta de hospedar Erasmo em Basileia para a finalização de seu trabalho, oferecendo-lhe os préstimos de Johannes Oecolampadius como assistente editorial e consultor em hebraico. Não foi difícil resistir ao apelo de Froben, pois Erasmo

nunca escondera que considerava um tormento residir em Cambridge. Então, em julho de 1515, Erasmo se desloca para a Basileia, onde empresta sete manuscritos da biblioteca dos dominicanos para confrontar com o material que já possuía. Infelizmente, o único manuscrito que ele conseguiu do livro de Apocalipse não continha os últimos seis versos. Desesperado para finalizar sua obra e publicar na frente da Academia Bíblica Complutense, Erasmo optou por traduzir da Vulgata para o grego os mencionados versos. Por azar, ele utilizou um texto corrompido da Vulgata que continha uma variação em Apocalipse 22:14. Em vez de “árvore da vida” (*ligna vitae*) trazia “livro da vida” (*libro vitae*). Por descuido ou por desconhecer o significado universalmente utilizado de “árvore da vida”, Erasmo manteve “livro da vida”. Da mesma forma, ele cometeu diversas imprecisões, como por exemplo em Apocalipse 17:4, criando uma palavra inexistente em grego, *akathartetos*, ou em Apocalipse 17:8 e em Atos 9:6, utilizando tempos verbais da Vulgata.

Erasmo alocou o texto grego, enriquecido com manuscritos mais antigos do século doze que foram confrontados com os mais recentes do século quinze, e sua tradução latina em duas colunas, o texto grego do lado esquerdo e o texto latino do lado direito. Em seguida alocou suas anotações explicando o motivo das opções tomadas, tanto a favor como contra a Vulgata. Seus comentários em muito remetiam aos pais, particularmente Jerônimo, por quem nutria grande admiração. A impressão começou em 2 de outubro de 1515 e já em primeiro de março do ano seguinte estava concluída, mas não sem centenas de erros tipográficos a ponto de ser chamada sutilmente por seus detratores como o livro mais cheio de erros que já existiu. O título, deveras curioso, traduzido livremente era *O Novo Instrumento completo revisto e corrigido diligentemente por Erasmo de Roterdã não apenas de acordo com o original grego como também com o testemunho de muitos manuscritos antigos e corretos em ambas as línguas, e por fim de acordo com o texto conforme citado, corrigido e comentado pelos melhores autores, especialmente Orígenes, Crisóstomo, Cirilo, Vulgário, Jerônimo, Cipriano, Ambrósio, Hilário, Agostinho, complementado por anotações informando ao leitor quais passagens foram alteradas e por quais razões*.¹⁵

O título é curioso por dois motivos. Primeiro, a utilização do termo “Instrumentum” no lugar do mais corriqueiro “Testamentum”. Qual a intenção de Erasmo? Talvez tenha sido de pronto chacoalhar o imaginário do leitor, indicando que o próprio termo “Testamento” era fruto da tradição e não constava

nas fontes mesmas. De fato, nas Escrituras Hebraicas o vocábulo *berith* é utilizado como pacto, aliança, tratado, contrato, possuindo uma base legal, em que as partes possuem direitos e deveres. O exemplo mais comum era o contrato matrimonial e na mesma direção a relação de Deus com seu povo. Na Septuaginta o termo utilizado para verter *berith* enquanto pacto de Deus com seu povo fora *diatheke* e não o aparentemente mais apropriado *suntheke*, isso porque os Setenta, escrevendo em outro tempo teológico, entenderam que a relação de Deus com seu povo não poderia ser a de um pacto [*berith*] impossível de ser cumprido por uma das partes, o povo, mas de uma concessão unilateral da parte divina. Embora *diatheke* também significasse um instrumento jurídico entre partes, a principal diferença é que enquanto uma parte era plena de poderes, à outra caberia apenas aceitar ou rejeitar, nunca alterar. *Diatheke* não indicava uma concordância mútua ou um pacto negociado. O exemplo maior era um testamento. Embora seja verdade que os primeiros escritores cristãos tenham utilizado a Septuaginta e, portanto poderia ser argumentado que teriam sido induzidos ao erro pelos Setenta e assim mantido *diatheke* para se referir à relação de Deus com seu povo, é evidente que estavam plenamente cientes de que tal relação realmente não era um pacto (*berith*), mas um testamento (*diatheke*). Há uma diferença qualitativa entre as duas relações, a de Deus com Israel e a de Deus com os cristãos. Naquela esperava-se que os judeus cumprissem a exigência a eles estabelecida no pacto, o que nunca conseguiram, nesta não havia exigência alguma, cabendo apenas aceitação ou rejeição. Na ótica cristã não há um contrato com Deus, mas a apropriação de uma dádiva por Deus concedida. Daí Jerônimo ter utilizado *foedus* ou *pactum* para *berith*, mas *testamentum* para *diatheke*, e não o mais amplo *instrumentum* como entendera Tertuliano, Rufino e Agostinho.¹⁶ A confusão, na verdade, vem de outro momento. Após os textos cristãos terem alcançado ampla circulação e terem sido compilados, foram juntados às Escrituras Hebraicas e, uma vez que eram mais recentes, foram ordenados em seguida àquelas. Em vez de serem intitulados de forma a indicar apenas a diferença qualitativa entre os dois conjuntos, receberam uma denominação que, para indicar também a temporalidade, sacrificou a diferença qualitativa. De fato, *suntheke* [*berith*] e *diatheke* ou *pactum* e *testamentum* seria suficiente e mais preciso do que *vetus testamentum* [palaia diatheke] e *novum testamentum* [kaine diatheke]. Embora *kaine* (novo) também indique qualidade e não apenas temporalidade, escondeu que há um só pacto

(feito entre Deus e Israel) e um só testamento (concedido por Deus aos cristãos), e não dois testamentos, um primeiro (para Israel) e um mais novo (para os cristãos). Devido às muitas críticas recebidas, já na segunda edição Erasmo retornou ao mais comum “Novo Testamento”.

Curioso também é que Erasmo anuncie que seu trabalho fora rever e corrigir o Novo Testamento de acordo com o original grego. Então ele só poderia estar falando de uma correção do texto latino da Vulgata, uma vez que a única versão impressa e em circulação do Novo Testamento era aquela de Jerônimo. É interessante porque a obra vai ficar conhecida em muitos quadrantes como “o Novo Testamento grego de Erasmo”. Nada mais falso. O que Erasmo queria de fato era rever e corrigir a Vulgata, e não editar um Novo Testamento grego. Era esse seu desejo e por isso contatara Badius em Paris alguns anos antes. Mas devido ao fato dos seguidores da Reforma Protestante, em sua maioria, repudiarem o latim enquanto língua bíblica, o texto grego é que ficou em evidência e se tornou base para a tradução do Novo Testamento para outros idiomas. Uma pena, pois eclipsou a grande coragem de Erasmo em ousar questionar a tradução de Jerônimo que, como foi visto acima, era tida por muitos como superior ao próprio texto grego. Não é exagerado dizer que os comentários de Erasmo lançaram uma nova luz sobre a percepção existente de cristianismo, favorecendo os ventos que pediam uma reforma na Igreja.¹⁷

Froben e Erasmo trabalharam arduamente em diferentes frentes para garantir o sucesso editorial do *Novum instrumentum*. Fora a alta qualidade da impressão e do material utilizado eles montaram uma estratégia comercial que incluiu a obtenção da exclusividade concedida pelo Papa Leão X para a publicação do Novo Testamento. Embora a observação da exclusividade não tenha aparecido na primeira edição, ela certamente cumpriu duas funções. Primeiro, a garantia de exclusividade indicava o sucesso comercial, pois durante quatro anos Froben e Erasmus teriam para si o mercado consumidor, empurrando a publicação da obra complutense para pelo menos 1520. A chancela papal também garantiria a recepção da obra pelo universo católico sem restrição alguma. Com ela, tanto leigos quanto religiosos e teólogos eram incentivados a adquirirem a obra. É difícil saber como Erasmo conseguiu essa bênção junto ao papa, mas com certeza ele contou com a ajuda de seus amigos na Inglaterra. Entre eles, o que detinha maior influência sobre a cúria romana, com certeza, era Andrea Ammonio. De 1511 a 1517, eles trocaram mais de

quarenta cartas versando sobre inúmeros tópicos, desde a baixa qualidade do vinho inglês até as mais prementes questões internacionais. Em 1515, Ammonio foi nomeado pelo Papa Leão X coletor dos tributos papais na Inglaterra e portanto desfrutava de prestígio junto a corte papal. Daí não foi difícil conseguir junto ao Papa não apenas a dispensa das penas impostas a Erasmo por sua ordem por não vestir o hábito como também a superação das restrições oriundas de seu nascimento fruto de um casamento ilegítimo. Diante disso é bastante plausível que Ammonio tenha desempenhado papel fundamental no caso da exclusividade da publicação do Novo Testamento.

Como gratidão, mas também como estratégia, Erasmo dedicou a obra ao Papa Leão X, seguindo o exemplo de Manutius que em 1513 dedicara uma edição de Platão ao Papa. Ao passo que em um eloquente prefácio Manutius denunciou os males da guerra liderada pelo Papa Júlio II que assolou Veneza e impediu o trabalho de Manutius retardando assim por anos a publicação de valiosas obras literárias, Erasmo em sua dedicação reconhece em Leão X mais do que um benfeitor e patrono da erudição, um novo Esdras, que após a guerra se dedica a reconstrução, um novo Salomão que se dispõe a construir um templo para Deus. Não tendo mármore para enviar ao Sumo Pontífice, Erasmo dedica-lhe o *Novum instrumentum* para a restauração da Igreja. Tal dedicatória certamente auxiliou no sucesso editorial da obra. Em pouco tempo as muitas encomendas deram sinal que a edição logo se esgotaria. Ao perceber que acertara na veia, e também tendo em vista os inúmeros erros contidos na edição inicial e a crítica que chegava sem cessar, Erasmo rapidamente se dedicou a preparar uma nova edição do *Novum instrumentum*, meio em segredo para não prejudicar as vendas da primeira edição.

A segunda edição, publicada em 1519, trouxe no título o mais familiar testamentum no lugar de instrumentum, e também a aprovação papal, que não acompanhara a edição inicial. Ademais, respondendo às críticas recebidas até então, Erasmo praticamente duplicou suas Anotações e adicionou uma nova parte intitulada *Capita argumentorum contra morosos quosdam de indoctos*, ou, livremente, Argumentos sumários contra certas pessoas contenciosas e ignorantes. Foram corrigidos centenas de erros de impressão e o texto grego foi modificado em alguns lugares. O texto latino foi sobremaneira melhorado. Essa edição foi utilizada por Martinho Lutero para a tradução de seu Novo Testamento em alemão, publicada em setembro de 1522. Na terceira edição, que veio a lume

em 1522, Erasmo inseriu a já mencionada *Comma Johanneum*, certamente para fugir da acusação de antitrinitário. Tal edição serviu de base para William Tyndale para aquela que foi a primeira tradução do Novo Testamento para o inglês em 1526. Serviu de base também para o Novo Testamento da Bíblia de Genebra (1557) e para os tradutores da versão do Rei Tiago (KJV). Na quarta edição de 1527, Erasmo corrigiu o livro de Apocalipse à luz do texto complutense. A quinta edição publicada em 1535, um ano antes da morte de Erasmo, praticamente não trouxe novidade. Após a morte do roterdamês, seu texto foi reimpresso várias vezes em diversos lugares por diferentes pessoas. As edições mais importantes foram realizadas na oficina de Boaventura Elzevir e de seu sobrinho e sócio Abraão Elzevir entre 1624 e 1678, totalizando sete edições. Foram eles que utilizaram em sua introdução na segunda edição (1633) a expressão *Textus Receptus* para indicar que aquele era o Texto Recebido sem adição alguma. Em muitos quadrantes do protestantismo esse *Textus Receptus* passou a ser considerado como idêntico aos manuscritos originais, sendo, portanto utilizado como base para as traduções subseqüentes nas diversas línguas.

Em 1516, Erasmo já era conhecido e respeitado por sua erudição em toda a Europa, mas a publicação do *Novum instrumentum*, juntamente com a monumental edição em nove volumes das obras de Jerônimo o alçaram a um patamar até hoje inalcançado na erudição europeia. A partir de então sua correspondência se multiplicou com seus admiradores e críticos espalhados por todo o continente e também na Inglaterra. Ao passo que seus críticos apontavam sua vaidade em se apresentar como um novo Jerônimo, *Hieronymus redivivus*, ousando corrigir a obra do santo, a toda venerada Vulgata, seus admiradores o percebiam como a grande esperança de reforma da cristandade. E de fato, todos tinham razão. Erasmo percebera que a única maneira de reformar a cristandade seria corrigindo o texto sobre o qual ela fora erigida e pelo qual se guiava. Desde os tempos do *Enchiridion* que Erasmo ensinava que a vida cristã dependia das Escrituras e não dos rituais e do sacerdócio da Igreja. Em sua dedicatória ao Papa Leão X, após elogiar os esforços do Papa em reconstruir a Igreja, mas que foi visto por seus críticos como uma repreensão à construção da Basílica de São Pedro, Erasmo deixa claro que sua principal esperança pela restauração e reconstrução da religião cristã (*restituendae sarciendaeque Christianae religionis*) repousava na restauração das Escrituras pois era através delas que a Palavra

(*verbum*) celestial que nos veio do coração do Pai ainda vive e sopra por nós e age e fala com maior eficácia imediata do que de qualquer outra maneira. Daí a necessidade de buscar as Escrituras na pureza de sua fonte e vertê-las apropriadamente para o latim para que pudessem ser lidas e devidamente ensinadas, instrução que é a nossa salvação. Não se sabe qual foi a reação de Leão X, mas não passou desapercibido nem aos seus críticos nem a seus admiradores que ao defender as Escrituras através das quais o Verbo age e fala com maior eficácia imediata do que de qualquer outra maneira, Erasmo estava colocando em risco o sacerdócio e os sacramentos da Igreja.

É surpreendente que Erasmo não tenha conhecido o caminho da fogueira após tecer tanta crítica à Igreja — seus sacerdotes e suas instituições — e à vida religiosa por ela proposta de forma ampla e clara. Muito antes de Lutero surgir no cenário das controvérsias, Erasmo já havia declarado a centralidade das Escrituras para a vida cristã e a necessidade de reformar, ou em suas palavras, restaurar, a Igreja. Daí ser surpreendente também o rebuliço causado pela crítica que Lutero fazia às indulgências, no final de 1517. Apesar de não trazer nenhuma novidade no âmbito teológico, Lutero iria tocar em um aspecto que Erasmo, por sua própria trajetória de vida, jamais poderia reivindicar. Apesar de utilizar como cognome Roterodamus, Erasmo pouco viveu naquela cidade. Aliás, Erasmo nunca se fixou em lugar algum, exceto em Basileia já próximo do final de sua vida. Erasmo sempre se viu como europeu daí sua insistência no uso do latim como língua comum e na manutenção da unidade religiosa. Já Lutero se percebeu como outro diante de Roma e se decidiu pelo nascente nacionalismo alemão, daí sua inclinação à ruptura da cristandade. Duas personalidades bastante diferentes, opostas até em alguns aspectos, mas que sem uma ou outra a Reforma Protestante como conhecemos não teria ocorrido.¹⁸ Ou, como na linguagem coloquial de seus contemporâneos, Lutero chocou o ovo que Erasmo botou.

¹ Texto da mesa redonda “Reforma Protestante: 500 anos”, realizada no XIV Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em abril de 2015.

² EISENSTEIN, Elizabeth L. *A Revolução da Cultura Impressa: Os Primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

³ Já em 1537 o *Consilium de emendanda ecclesia* condenara algumas obras de Erasmo e em 1559 o Índice de Livros Proibidos proclamado pelo papa Paulo IV condenou todas elas. A ferrenha

resistência dos estudiosos e dos livreiros ganhou fôlego com a morte súbita do papa em 18 de agosto daquele ano e a questão foi decidida apenas no Concílio de Trento, em que os presentes optaram em manter algumas obras de Erasmo, mas de tal forma expurgadas que se Erasmo ressuscitasse talvez não as reconhecesse. Cf. GRENDLER, Paul F. *Renaissance Education Between Religion and Politics*. Hampshire, Great Britain: Ashgate Publishing, 2006. Nessa coletânea ver particularmente o capítulo X intitulado “The Adages of Paolo Manuzio: Erasmus and the Roman Censors”.

⁴ Apesar de Erasmo não ter aceito o chapéu cardinalício que lhe foi oferecido pelo papa Paulo III em 1536 e de ter sido sepultado na catedral protestante de Basileia os protestantes nunca o perdoaram por sua crítica à “tragédia luterana”.

⁵ ODRÓZIOLA, Antonio. Estanilao Polono, un extraordinário impressor polaco en la Espana de los siglos XV y XVI (1491-1504). Pontevedra: Excma. Diputación, 1982.

⁶ A postura de Cisneros não era nada incomum. Maarten van Dorp, amigo de Erasmo e docente na faculdade de teologia de Louvain, ao saber dos planos do roterdamês de corrigir a Vulgata enviou-lhe uma carta em 1514 com o seguinte comentário: “Eu discordo de você nessa questão de verdade e integridade, e defendo que tais qualidades se encontram na edição da Vulgata que temos normalmente em uso. Pois não é razoável que toda a igreja, que sempre utilizou essa edição e que tanto a aprova e continua a utilizá-la, ter estado equivocada por todos esses séculos”. Epístola 304, em *The Correspondence of Erasmus: Letters 298-445 (1514-1516)*, edited by R.A.B. Mynors and D.F.S. Thomson. *Collected Works of Erasmus*. University of Toronto Press, 1976 (minha tradução). A mesma postura pode ser encontrada no presente. Ao defender a tradução da bíblia do rei Tiago [King James Bible] o pastor batista e líder fundamentalista D. A. Waite assim se expressou: “Na verdade, é minha crença e convicção pessoal, após estudar esse tema desde 1971, que as palavras do texto grego recebido e do texto hebraico massorético que embasam a bíblia do rei Tiago são as próprias palavras que Deus tem conservado através dos séculos, sendo as palavras exatas dos próprios originais. Como tais, creio que são palavras inspiradas. Creio que são palavras conservadas. Creio que são palavras inerrantes. Creio que são palavras infalíveis. É por isso que acredito tão fortemente que qualquer tradução para ser válida tem que se basear nesses textos das línguas originais, e neles apenas!”. WAITE, D. A. *Defending the King James Bible*. Collingwood, NJ: Bible For Today Publishers, 1992, pp. 48-49 (minha tradução).

⁷ Nas anotações Erasmo citara favoravelmente a opinião de Jerônimo, para quem copistas latinos teriam introduzido essa passagem para poderem refutar os arianos e fornecerem base escriturística para a doutrina da Trindade.

⁸ Na obra de Valla encontrada por acaso o roterdamês percebeu que era possível efetuar correções, aplicando a crítica literária, não apenas nos clássicos mas também no texto recebido das Escrituras. TRACY, James D. *Erasmus, the Growth of a Mind*. Genebra: Librairie Droz, 1972. p. 89.

⁹ Não por acaso esse livro foi impresso pela primeira vez em 1517 na Alemanha por Ulrico von Hutten (1488-1523), tendo a segunda edição, de 1519, servido de base para as críticas que Lutero fez ao papado.

¹⁰ Não apenas Erasmo, mas também muitos outros de sua época que buscavam reformas na Igreja foram influenciados pelas obras de Lorenzo Valla, notadamente *De libero arbitrio*, Sobre o livre arbítrio, e *De professione religiosorum*, Sobre a profissão dos religiosos, no qual ele critica os votos monásticos de pobreza, castidade e obediência, defendendo que o importante não era o voto, mas a devoção e repreendendo os monges por eles se acharem mais religiosos do que os leigos.

¹¹ Olin dedicou um capítulo inteiro ao período em que Erasmo se deteve em Veneza com Manutius. Cf. OLIN, John C. *Erasmus, utopia, and the Jesuits: essays on the outreach of humanism*. New York: Fordham University Press, 1994, pp. 39-56.

¹² Encontra-se no colofone da obra a data de 10 de janeiro de 1514. Cf. GONZÁLEZ NAVARRO, Ramón. El impresor navarro Miguel de Eguía, en Alcalá de Henares. *Principe de Viana*, n. 162, p. 307-319, 1981, p. 312.

¹³ Wesseling afirma que Froben pirateou essa reimpressão da *Adagia* possivelmente instigado pelo Beato Renano (1485 – 1547). Cf. WESSELING, Ari. Ed., *Erasmii Opera Omnia, II.8: Adagiorum chilia IV, Centuriae VI-X; chilia V, Centuriae I-II [Adagia 3501-4151]*. Amsterdam and New York: Elsevier, 1997. 378 pp. Conferir a nota 9 da Introdução.

¹⁴ Erasmo relata esse encontro numa carta de 21/09/1514 ao teólogo e amigo Jakob Wimpfeling

(1450 – 1528). Epístola 305, em *The Correspondence of Erasmus: Letters 298-445 (1514-1516)*, edited by R.A.B. Mynors and D.F.S. Thomson. Collected Works of Erasmus. University of Toronto Press, 1976.

¹⁵ *Novum Instrumentum omne, diligenter ab Erasmo Rot. Recognitum et Emendatum, non solum ad Graecam veritatem verum etiam ad multorum utiusq; linguae codicum eorumq; veterum simul et emendatorum fidem, postremo ad probatissimorum autorum citationem, emendationem et interpretationem, praecipue, Origenis, Chrysostomi, Cyrilli, Vulgarij, Hieronymi, Cypriani, Ambrosij, hilyarij, Augustini, una cum annotatines, quae lectorem doceant, quid qua ratione mutatum sit.*

¹⁶ Para Tertuliano cf. *Adv. Marc.* iv. 1; para Rufino cf. *Expos. Symb. Apostol.* e para Agostinho cf. *De Civ. Dei*, xx. 4. Agostinho utilizou ambos, *instrumentum* e *testamentum*. Jonge notou que Erasmo justificou o uso da palavra *Instrumentum*, pois esta implicava obrigatoriamente uma decisão escrita. JONGE, Henk Jan de. *Novum Testamentum a nobis versum: The Essence of Erasmus' Edition of the New Testament. The Journal of Theological Studies* NS, 35, 394-413 (1984), Clarendon Press, p. 396.

¹⁷ Os críticos contemporâneos de Erasmo logo perceberam que seu esforço em produzir um texto latino diferente daquele da Vulgata comprometia a própria base da civilização católica. Um deles, Petrus Sutor (Pierre Cousturier, 1475-1537), formado em teologia na Universidade de Paris, escreveu em um livreto de 1525 intitulado *De tralatione Bibliae et novarum reprobatione interpretationum* no qual insistia com certo exagero que se a Vulgata estivesse em erro a Igreja sucumbiria; ademais, para ele, submeter a Vulgata à análise filológica, como queria Erasmo, na verdade implicava em destituí-la de seu caráter de Escritura. Cf. LEGASPI, Michael C. *The Death of Scripture and the Rise of Biblical Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 14. Cf. tb. JENKINS, Allan K. e PRESTON, Patrick. *Biblical Scholarship and the Church: A Sixteenth-century Crisis of Authority*. Aldershot, Hampshire: Ashgate Publishing, 2007, pp. 76-77. Que o método filológico de Erasmo estremecia os fundamentos da fé católica é facilmente comprovável, como no caso do anti-trinitário Szymon Budny (c. 1530-1593), um dos líderes dos Irmãos Polacos, que ao aplicar o ensino de Erasmo ao prólogo do Evangelho de João concluiu pela não pré existência de Cristo conforme estabelecida no Concílio de Nicéia em 325 e no Concílio de Calcedônia em 451. Cf. COOGAN, Robert. *Erasmus, Lee and the Correction of the Vulgate: The Shaking of the Foundations*. Travaux d'Humanisme et Renaissance 261. Geneva, Switzerland: Librairie Droz, 1992, pp. 94-95; também, e especialmente, o capítulo 5 intitulado "The Biblical Philology of Szymon Budny (1572-1589)" em FRICK, David A. *Polish Sacred Philology in the Reformation and the Counter-Reformation. Chapters in the History of the Controversies (1551 – 1632)*. Berkeley: University of California Press, 1989.

¹⁸ "Mais do que qualquer outra pessoa, Erasmo através de suas publicações e correspondência criou o ambiente intelectual no qual a Reforma Protestante nasceu; e mais do que qualquer um exceto Martinho Lutero, ele deu a forma ao desenvolvimento inicial daquela grande reviravolta religiosa ainda que ele mesmo nunca à ela tenha se juntado". NAUERT, Charles, "Desiderius Erasmus", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2012 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/win2012/entries/erasmus/>>.

Recebido em 29/06/2016, revisado em 13/07/2016, aceito para publicação em 01/08/2016.